



Uma derrota para se guardar na memória? Um estudo das narrativas jornalísticas sobre o 7 a 1 da Copa de 2014

Ronaldo Helal
Fábio Aguiar Lisboa

Introdução

Daqui a alguns anos, quando se escrever e falar sobre a Copa do Mundo de 2014, provavelmente serão inúmeras as histórias contadas. Narrativas que descreverão grandes vitórias, derrotas inesperadas, jogadores brilhantes e a alegria da torcida. O fato é que, quando se falar deste evento, diferentes memórias poderão ser acionadas por diferentes atores, dependendo do contexto no qual os mesmos estiverem inseridos.

Quando se considera especificamente o contexto brasileiro, quando se fizer referência ao Mundial de 2014, uma memória em especial tem grande possibilidade de ser acionada de forma preferencial: a derrota de 7 a 1 da seleção brasileira para a Alemanha, em partida válida pela semifinal da competição.

E o presente trabalho se voltará justamente para as narrativas produzidas pela imprensa nos dias posteriores a este episódio. Desta forma, pretende-se realizar um estudo sobre a atuação da memória em um momento marcante para o futebol brasileiro, identificando as narrativas de episódios do passado que foram acionadas naquela oportunidade, bem como especular a respeito de quais narrativas desta derrota provavelmente passarão a ser parte das memórias que futuramente serão acionadas quando se falar da derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014.



Contexto

A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil nos meses de junho e julho de 2014, teve vários momentos marcantes, entre eles pode-se destacar a conquista do título pela seleção da Alemanha, a lesão do atacante brasileiro Neymar e a desclassificação da então campeã mundial Espanha ainda na primeira fase do torneio.

Quando se fala especificamente da equipe que representou o Brasil na competição, um dos momentos de maior relevância, mas por uma causa negativa, foi a derrota pelo placar de 7 a 1 para a seleção da Alemanha.

Esta derrota, que aconteceu no dia 8 de julho de 2014, ficará para a posteridade como a maior goleada que a seleção brasileira sofreu em sua história até a presente data, resultado que ganha ainda mais relevância quando se considera o fato de que este jogo, válido pelas semifinais do Mundial, aconteceu em uma edição da competição realizada em solo brasileiro.

Além de a seleção brasileira ter sofrido a maior goleada de sua história em uma Copa realizada em sua própria casa, é necessário evidenciar que existia a expectativa em meio ao público e à imprensa esportiva de que a conquista do título da Copa de 2014 pudesse apagar a frustração causada pelo Maracanazo: a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950, torneio também realizado em território brasileiro. O próprio coordenador técnico da seleção brasileira na Copa de 2014, Carlos Alberto Parreira, expressou esta expectativa no decorrer de uma entrevista concedida meses antes do início da competição: “Nós somos, entre aspas, o país do futebol que perdeu a primeira Copa em casa e tem a obrigação de ganhar a segunda em casa. Isso nos dá responsabilidade muito grande”.¹

No entanto, a vitória sobre a equipe alemã, que daria ao Brasil a esperada vaga para a final da Copa, não veio, e nos dias posteriores a este episódio a imprensa passou a procurar explicações para esta derrota e a começar a elaborar narrativas sobre este episódio.

No processo de narrar e buscar explicações para a derrota para a Alemanha a imprensa esportiva faz uso da memória de Copas e seleções do passado.

Em diferentes oportunidades a imprensa brasileira identifica o Brasil como o país do futebol. Uma das formas de fazer isto é defendendo a teoria de que existe um determinado estilo de futebol através do qual o jogador brasileiro se singularizaria e que seria a chave para conquistas esportivas (Rodrigues Filho, 1964). Este estilo específico de jogar (que foi nomeado inicialmente como Foot-ball Mulato pelo cientista social Gilberto Freyre²) é hoje chamado de futebol-arte e tende a ser localizado em atletas e times brasileiros do passado.

Segundo Gil (1994), o futebol-arte foi se constituindo paulatinamente entre os anos de 1930 e de 1974, tendo seu ápice com a seleção de 1970, que conquistou a Copa do Mundo realizada naquele ano apresentando um estilo de jogo no qual



a técnica e a habilidade de seus atletas teriam sido os diferenciais em relação aos adversários.

Este tipo de narrativa, que em muitas oportunidades faz ativar a memória com narrativas de fatos passados, fica mais evidente no âmbito de competições como a Copa do Mundo. Em meio a disputas como as que ocorreram no Brasil entre os meses de junho e julho de 2014, o debate em torno do estilo de jogo apresentado pela seleção brasileira se intensifica, especialmente quando se considera que na única oportunidade em que uma edição da Copa do Mundo foi realizada no Brasil (em 1950) a seleção brasileira acabou sendo derrotada na final da competição pelo Uruguai, no episódio que ficou conhecido como Maracanazo.

Memória

Um dos elementos constantemente ativados pela imprensa esportiva brasileira em suas narrativas sobre a seleção brasileira é a memória. Seja em matérias de caráter informativo, em matérias em que há um aprofundamento maior do assunto abordado ou em textos nos quais o autor expressa a sua opinião sobre uma determinada questão, as referências a episódios, personagens e competições do passado são uma constante quando se faz uma avaliação do jornalismo esportivo realizado no Brasil.

Em conferência³ na qual abordou a relação da memória com a identidade social, Pollak (1992) afirma que três são os elementos constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva. O primeiro destes elementos são “os acontecimentos”, tanto os vividos pessoalmente como os que ele chama de “vividos por tabela”, os episódios que são vivenciados pela comunidade ou pelo grupo ao qual um indivíduo acredita pertencer.

Sobre este segundo tipo de acontecimento Pollak (1992: 201) diz: “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. Quando pensamos nas memórias relacionadas a acontecimentos da seleção brasileira, e que foram acionadas⁴ pela imprensa em suas narrativas sobre a campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, podemos falar da derrota do Brasil na final da Copa de 1950 ou das cinco conquistas de títulos mundiais pela seleção nacional.

O autor também diz que a memória se constitui por pessoas, personagens:

Também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço tempo da pessoa (Pollak, 1992: 201).





Grandes jogadores do passado como Pelé, Garrincha, Zico, Romário, Nilton Santos, Didi e Sócrates são exemplos de personagens a partir dos quais foram constituídas memórias da seleção brasileira no decorrer da história.

Em terceiro lugar a memória é constituída por lugares que, segundo Pollak (1992: 202), estão “particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”.

No caso da seleção brasileira, alguns lugares de memória são o estádio do Maracanã, onde a equipe viveu muitos momentos de alegria e um momento especialmente doloroso, a derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, e o estádio do Sarriá, na Espanha, local no qual o time que representava o Brasil no Mundial de 1982 foi desclassificado pela Itália em um jogo válido pelas quartas de final da competição.⁵

Contudo, uma avaliação rápida e desatenta pode levar a interpretações equivocadas da natureza da memória. O primeiro erro a ser destacado aqui é o de naturalizar a memória, o de acreditar que a mesma se constitui sem influência de outros atores. No entanto, Pollak (1992: 201) afirma que a memória é um fenômeno construído, fenômeno “coletivo e social (...), construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Essa é uma característica que deve ser destacada quando se deseja estudar a memória, porque nem todas as experiências são contempladas na mesma. Mas há um processo de seleção na formação da mesma, processo este que faz com que alguns episódios sejam registrados, e outros sejam relegados ao esquecimento.

Porém, apesar da característica fluida da memória, ela também apresenta o que Pollak (1992: 201) chama de “marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. O autor afirma que é como se, “numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente – houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças”.

Também se equivoca quem acredita que a memória é fenômeno que existe apenas no âmbito individual. Halbwachs (2003) mostra como a memória também deve ser compreendida como fenômeno de caráter coletivo e social, fenômeno que recebe a influência de diferentes atores sociais e que está submetida a constantes mudanças e variações. É a partir destas ideias que irá se discutir, agora, a relação da memória com a mídia.

Mídia, história e memória

Quando se pensa em memória se pensa em história. Desta forma pode surgir uma dúvida a respeito de qual tipo de fonte pode ser considerada quando se pensa no processo de formação de um relato histórico, de memória.





Por muito tempo perdurou a ideia de que haveria uma grande história da humanidade, que registraria fatos que teriam o *status* de verdades inquestionáveis. Contudo, esta percepção já não é aceita na contemporaneidade. Nos dias atuais trabalha-se com a concepção de que podem existir diferentes narrativas históricas sobre um mesmo episódio. Estas narrativas seriam influenciadas por diferentes elementos, como o contexto no qual este relato é produzido, as fontes usadas para a produção da mesma e a pessoa que o elabora.

Desta forma, a mídia começa a assumir o papel de produtora de história, e, conseqüentemente, de memória. Concordamos com Ribeiro (2003: 97), quando este afirma que “os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade”.

Observamos que a mídia ocupa o papel crucial de legitimar o que entendemos como “fato histórico”, já que a história passou a ser, ainda segundo Ribeiro (2003: 7) “aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos.” Com esta mudança de *status*, a mídia teria se transformado no “principal lugar de memória e/ou história” do tempo atual (Ribeiro, 2003).

Um trabalho que exemplifica esta perspectiva é o de Souto (2007), que, a partir de narrativas apresentadas sobre a performance da seleção brasileira na Copa de 2002 por colunistas esportivos de jornais brasileiros, se propõe a avaliar como estes atores produziram, “usando a força dos jornais para os quais trabalham, um tipo de memória do passado que legitime” uma determinada “representação da seleção brasileira como símbolo da identidade nacional diversa da veiculada pelos que naturalizam o avanço da mercantilização do esporte e ignoram os valores ‘tradicionais’” (Souto, 2007: 300).

Neste estudo Souto afirma que os colunistas esportivos atuam como guardiões de tradições e eles atuam “como construtores da memória de uma determinada época, num processo de permanente reelaboração” (Souto, 2007: 304).

Ele coloca ainda o seguinte:

(...) é importante registrar que a trajetória da seleção brasileira ao longo dos anos, bem como sua representação, é, em grande medida, forjada pela imprensa. E que esse processo se dá, ora pelo lado do silêncio, ora pelo lado da lembrança de determinados fatos e acontecimentos, que vão sendo construídos, em sintonia com uma visão de mundo, num processo não-estático e dialético. Tanto o esquecimento quanto a lembrança são construções que ajudam a referendar o poder simbólico e real da imprensa na sociedade e, neste caso, dos colunistas em particular (Souto, 2007: 304).





Desta forma, buscaremos então narrativas que registrem a presença da memória nas matérias publicadas sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha, em jogo válido pelas semifinais da Copa do Mundo de 2014.

Procedimentos de análise e comentários sobre a derrota

Para a realização deste trabalho realizamos uma leitura atenta dos cadernos de esporte das edições de 9 a 14 de julho de 2014 do jornal O Globo e de a Folha de S. Paulo⁶, intervalo de tempo que vai de um dia após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha até o dia posterior à final da Copa do Mundo de 2014. A intenção aqui foi tentar identificar que memórias são acionadas em um momento de tamanha dramaticidade pela imprensa esportiva brasileira, e quais as narrativas construídas pela imprensa para explicar este evento.

Também consideramos no estudo os cadernos de esporte de O Globo e de a Folha de S. Paulo de 15 de outubro de 2014, um dia após uma vitória de 4 a 0 da seleção brasileira sobre o Japão em partida amistosa, e do dia 16 de outubro de 2014, data na qual se alcançou a marca de 100 dias após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha no Mundial de 2014. O objetivo neste ponto foi tentar identificar que narrativas acionadas logo após a derrota do Brasil para a Alemanha perduram na memória da imprensa esportiva brasileira num intervalo de 100 dias após uma derrota tão marcante.

Antes da análise das memórias acionadas após a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa foram destacadas as narrativas que de certa forma localizavam este evento na história da seleção brasileira. Em sua capa na edição de nove de julho, um dia após o jogo, O Globo qualifica este episódio na sua manchete como “vergonha, vexame, humilhação”.⁷ Já no subtítulo desta manchete a publicação localiza este evento da seguinte forma: “seleção sofre em casa a maior derrota de sua história”.

Na mesma publicação, já na sua chamada de capa, o jornal faz as seguintes considerações sobre este evento: “A seleção brasileira viveu ontem o pior vexame de seus cem anos de história. A derrota para a Alemanha por 7 a 1, no Mineirão, foi a mais humilhante desde 21 de julho de 1914, quando jogou pela primeira vez”.

Na capa do caderno especial da Copa de 2014 O Globo mantém o mesmo tom. Os editores da publicação afirmam, de forma irônica, que a equipe brasileira “fez história”, pois sofreu: “A pior derrota em 100 anos; O mais duro revés de um anfitrião de Mundial; A maior goleada em uma semifinal; O fracasso mais contundente de uma campeã”.⁸

A edição de a Folha de S. Paulo de 9 de julho tem narrativas que seguem na mesma direção. A manchete de capa define o evento da seguinte forma: “Seleção sofre a pior derrota da história”.⁹ Ainda na capa, mas na chamada, esta publicação também define esta como a pior derrota da seleção brasileira: “Pela segunda vez,





o Brasil perdeu a chance de tornar-se campeão mundial de futebol em seu país. Se em 1950 o 2 a 1 para o Uruguai teve contornos trágicos, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação. A seleção conheceu a maior derrota de sua trajetória centenária e o pior revés de um anfitrião de Mundiais”.

A partir destas leituras é possível perceber que as duas publicações desejam imobilizar a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil como a maior derrota da seleção brasileira em sua história. Para fazer esta afirmação, os jornalistas fazem uso da memória, pois mencionam a marca de 100 anos de história da seleção brasileira, alcançada no dia 21 de julho, para apontarem este revés como o principal da trajetória do time brasileiro.

Uma expressão usada de forma irônica por O Globo e que deve ser avaliada com atenção é a de que o Brasil “fez história”. Esta expressão comumente usada em matérias jornalísticas quando se deseja destacar que um atleta alcançou um feito notável aparece aqui como a indicação de que este episódio se tornará uma memória recorrente quando se falar da participação da seleção brasileira na Copa de 2014.

Por fim também é importante salientar que ao tentar localizar este episódio na história da seleção, a imprensa esportiva se vale de vários indicadores sobre a equipe, como a de que este foi o pior revés de um anfitrião de Copa, que foi a maior goleada de uma semifinal de Mundial e que esta foi a derrota mais contundente de uma campeã que já conquistou um título mundial.

Um novo Maracanazo?

Uma das memórias mais ativadas após a derrota do Brasil para a Alemanha foi a da derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950. Durante as narrativas da imprensa brasileira após a derrota na Copa de 2014 vários foram os usos das memórias relacionadas ao revés da seleção brasileira no primeiro Mundial realizado em sua casa.

Na Folha de S. Paulo esta memória aparece logo na capa da edição do dia 9 de julho. Segundo o periódico, a derrota para a Alemanha fez o Brasil reviver o “trauma de 1950 como anfitrião”.¹⁰ Segundo o jornal, já em texto do caderno especial sobre a Copa do Mundo, com este revés o Brasil perdeu a chance de superar o que chamou de “vexame de 1950”.

Porém é em O Globo que esta ideia aparece com maior força. Na capa do caderno especial sobre a Copa, no subtítulo, aparece, após inúmeras afirmações que tentavam definir a derrota para a Alemanha, a seguinte sentença: “Os jogadores de 1950 estão redimidos”.¹¹

Com esta declaração, o jornal estabelece um caminho narrativo no qual se propõe a dar um novo significado à derrota de 1950, como fica evidente no texto, carregado de um tom emocional, sobre o jogo de 2014:



O barulho do silêncio, que ecoou no Maracanã depois da derrota de 1950, soava inexplicável para quem não testemunhou aquela jornada, até que a explosão de gols da Alemanha trouxe um vazio apaziguador no Mineirão. Depois de quase sete décadas condenadas ao limbo, as almas dos vice-campeões se libertaram. Ao longo dos 90 minutos em que as ilusões do hexa se espatifaram contra o muro da realidade, a tragédia de 1950 se transformou definitivamente numa derrota honrosa.¹²

Em outra matéria, que deveria ser apenas de caráter informativo, aparece outra afirmação que sinaliza que a derrota de 2014 estaria mudando o *status* da derrota de 1950 e dos jogadores que participaram dela: “Barbosa¹³, afinal, pode descansar em paz. O futebol brasileiro tem vexame maior para velar”.¹⁴

Essa ideia também marca presença em uma das colunas esportivas de O Globo, a que é assinada por Fernando Calazans. Segundo Calazans, o Brasil assistia no Mundial de 2014 à maior tragédia da história da seleção brasileira:

O futebol brasileiro pentacampeão do mundo, os donos dos cinco títulos – jogadores, técnicos, torcedores de todas as épocas – não mereciam isso. Não mereciam saber disso, muito menos ver isso, presenciar isso, assistir a isso. Não mereciam passar por essa vergonha, essa tragédia – e, vou dizendo logo, uma tragédia maior, muito maior, do que a vivida no Maracanã, na Copa de 1950, quando perdemos o título para o Uruguai, por 2 a 1.¹⁵

No entanto, esta chave interpretativa sobre a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014 como uma tragédia maior do que a derrota da seleção brasileira na final do Mundial de 1950 diante do Uruguai não é uma unanimidade em O Globo. No dia 10 de julho Renato Maurício Prado usa o espaço de sua coluna esportiva no jornal carioca para afirmar que não concorda com aqueles que afirmam que uma derrota pode “corrigir” outra:

Eu queria entender o porquê de muita gente achar que a seleção de 50 foi redimida pelo vexame maior de agora. Por acaso, após o 7 a 1, viramos o jogo daquela Copa contra o Uruguai e levamos o caneco em casa? Desde quando um erro, por mais colossal que seja, corrige o outro, anterior? Acho isso uma tolice rematada e demagógica.¹⁶

Contudo, as narrativas dos profissionais da imprensa esportiva não se limitaram a apenas noticiar o episódio. Nos textos é possível perceber que os jornalistas buscam oferecer ao público narrativas através das quais se possa buscar explicações para esta derrota.



Explicações da derrota

Diante de uma derrota tão dramática, foram inúmeras as tentativas feitas pela imprensa para buscar uma explicação para este episódio. É necessário salientar que as mesmas, de certa forma, pautam o discurso da imprensa sobre a seleção brasileira.

Nas edições dos jornais no dia posterior à derrota, as tentativas de explicação para a derrota não apareceram com muita força.¹⁷ Contudo, dois dias após a goleada, a imprensa iniciou uma busca por explicações para o revés.¹⁸

O primeiro diagnóstico feito nos textos dos jornalistas observados foi o de que o futebol brasileiro vive um momento de atraso frente ao futebol desenvolvido em outros países. Esta ideia aparece, por exemplo, na coluna de Fernando Calazans na edição de O Globo do dia 10 de julho: “O Brasil pode voltar a brilhar no futebol, pode retomar o lugar de ponta que já ocupou há anos – e não ocupa mais hoje em dia. Só que, em primeiríssimo lugar, é preciso reconhecer como caiu nesse século, reconhecer como está atrasado, equivocado, em relação às forças atuais”.¹⁹

Também em O Globo o ex-jogador Paulo Cezar Caju, que na Copa passou a fazer parte do time de articulistas da publicação carioca, afirma que o futebol brasileiro precisa mudar o rumo para voltar ao protagonismo no âmbito mundial: “Precisamos começar do zero (...), investir na base, manter nossos talentos, afastar os cartolas oportunistas e contratar pilotos que não desapareçam nos momentos críticos, reponham nossas máquinas na pista e façam as outras seleções engolirem nossa fumaça”.²⁰

Outra explicação para a derrota que aparece nas narrativas da imprensa brasileira é a de que a seleção brasileira teria deixado de lado o seu suposto estilo de jogo tradicional, estilo este que seria a chave para a vitória em edições anteriores da Copa do Mundo.

Esta ideia aparece, por exemplo, em artigo publicado no dia 10 de julho em O Globo pelo ex-jogador Zico. Segundo o ex-jogador, “a seleção brasileira não fez nenhuma atuação à altura do que se espera do Brasil”.²¹ Para Zico, “futebol é espetáculo, é se deliciar com a beleza do jogo, claro que sem perder a seriedade e o profissionalismo”.

Na edição da Folha de S. Paulo de 11 de julho outro ex-jogador com passagem pela seleção segue a argumentação de Zico. Em sua coluna, Tostão afirma que o técnico “Felipão é o responsável pela seleção, mas não é o criador do nosso atual e medíocre estilo de jogar”.²² O ex-jogador diz também que “desaprendemos a jogar coletivamente”.²³ Para Felipão e a maioria dos técnicos, trocar passes no meio-campo é frescura, um jogo bonitinho, improdutivo. O futebol brasileiro vive de correria, de estocadas e de jogadas aéreas (...) Queremos mais que isso”.

Quem também levanta a bandeira de que é necessário o resgate do estilo de jogo da seleção brasileira é o colunista Fernando Calazans, em texto publicado no jornal O Globo de 11 de julho no qual afirma que as “divisões de base romperam



com as características mais importantes do futebol brasileiro: o passe, a troca de passes, o jogo coletivo, a habilidade com a bola, a criatividade – a arte”.²⁴

Outra explicação para a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil, e que já aparece na última narrativa apresentada, é a de que existe uma falha no trabalho nas divisões de base brasileiras. Segundo o colunista Renato Maurício Prado, na edição de O Globo de 11 de julho, “quem quiser entender onde nascem os problemas do nosso futebol deve prestar atenção nos jogos das divisões de base de qualquer estado ou cidade (...) muitos dos defeitos e mazelas que ajudam a acabar com o genuíno futebol brasileiro começam na infância”.²⁵

Além disso, há o argumento de que esta derrota foi ocasionada pela falta de renovação dos técnicos brasileiros, o que tornaria necessário um maior intercâmbio com técnicos estrangeiros, e quem sabe a presença de um deles no comando da equipe do Brasil. Paulo Vinícius Coelho apresenta esta possibilidade, em sua coluna publicada na edição de 10 de julho da Folha de S. Paulo, ao comentar a explicação dada pelo técnico Luiz Felipe Scolari para a goleada sofrida pelo Brasil, um apagão:

É preciso criar um fato novo! Ir à procura de Pep Guardiola ou de alguém com experiência na Europa. Alguma coisa precisa acontecer (...) Felipão e Parreira voltaram a falar em pane nos seis minutos com quatro gols sofridos. Ah, se não fosse o apagão! Talvez a derrota fosse menos cruel: 3x1 para a Alemanha, quem sabe... Eliminação do mesmo jeito. O apagão teve causas táticas, sumiço da posse de bola, e emocionais, ausência das referências.²⁶

Em O Globo de 11 de julho o colunista Fernando Calazans também chega a comentar a possibilidade da contratação de um técnico pela seleção brasileira: “É claro que voltou à tona a discussão sobre a chegada de um técnico estrangeiro para a nossa seleção, medida até então inconcebível e indesejável para os cartolas de nossas entidades”.²⁷ Porém, ele afirma que esta é apenas uma parte da explicação do problema enfrentado pela equipe brasileira, o que demandaria uma solução mais ampla: “Não sou contrário à importação de treinadores. Mas, para mim, não é a solução, talvez pudesse fazer parte dela”.

Uma memória duradoura

Além de relatos sobre a derrota do Brasil para a Alemanha e de tentativas de explicação deste episódio, os jornalistas brasileiros expressaram que o 7 a 1 será uma memória que perdurará na história da seleção brasileira quando se falar da Copa de 2014.

No jornal O Globo de 9 de julho, Fernando Calazans afirma que “esse jogo, essa derrota, essa goleada histórica tem que ser guardada na memória, para marcar





o início de uma era de total reformulação”.²⁸ O colunista retorna ao assunto um dia após o final da Copa do Mundo, 14 de julho, e faz a seguinte previsão: “Os 7 a 1 existiram e, pior, continuarão existindo por muito tempo”.²⁹

Quem também expressa uma opinião neste sentido é outro colunista de O Globo, Luis Fernando Verissimo em coluna de 11 de julho: “No futuro, quando mentes mais frescas do que as nossas tentarem racionalizar o que houve, só conseguirão repetir nossa perplexidade, e assim será por todos os tempos. Alemanha 7, Brasil 1 não foi um jogo de futebol (...) é um pesadelo do qual estamos tentando acordar”.³⁰ Já em coluna de 13 de julho Verissimo vaticina: “Nunca houve um resultado tão esdrúxulo na história das Copas. E nós jamais o esqueceremos (...) sempre que pensarmos nessa Copa pensaremos no 7 a 1”.³¹

Um olhar sobre as narrativas da imprensa esportiva brasileira a partir do final da Copa de 2014 parece indicar que o acionamento das memórias do 7 a 1 será realmente uma constante nos textos sobre a seleção brasileira.

Um exemplo são os textos de alguns articulistas após a vitória de 4 a 0 do Brasil sobre o Japão em partida amistosa disputada em Cingapura no dia 14 de outubro. Fernando Calazans, em coluna publicada em O Globo em 15 de outubro, afirma:

A depressão depois da derrota de 7 a 1 para a Alemanha, na Copa do Mundo, é absolutamente compreensível. A euforia depois da vitória de 4 a 0 no amistoso de ontem com o Japão, como já li e ouvi, é irresponsabilidade. Já temos gente considerando que a seleção brasileira está redimida da vergonha na Copa. Mas é assim o espírito do futebol brasileiro: ou oito ou oitenta. Ou é uma maravilha ou é um horror.³²

No mesmo dia, mas em a Folha de S. Paulo, o colunista Tostão segue uma argumentação semelhante, criticando aqueles que tentam usar a vitória do Brasil sobre o Japão em amistoso para apagar o mais rápido possível as memórias do 7 a 1:

O 7 a 1 foi tão catastrófico que deveria ter também um período de luto. Poderia não ter jogos da seleção por uns 6 meses, as partidas do Brasileirão terem um minuto de silêncio, e as pessoas se vestiriam de luto, nos congressos, para estudar a tragédia, não por masoquismo ou gozação, mas para lembrar da importância do fato e da importância de se fazer algo. Acontece o inverso. Tentam, rapidamente, apagar o 7 a 1. Para isso, trouxeram Dunga, que já teve a mesma experiência, após o Mundial de 2006 (...) Evidentemente que o 7 a 1 foi um placar atípico, exagerado, e que a Alemanha não era o máximo dos máximos nem o Brasil o péssimo dos péssimos. Mas o resultado deixou uma grande mensagem simbólica, um grito de horror, um pedido desesperado de ajuda, que não deveria ser atendido por soluções dinguistas imediatas nem por grosserias. Merecia um luto, uma longa reflexão e discussão.³³





Estas falas são apenas um exemplo das narrativas encontradas nas matérias que têm sido publicadas sobre a seleção brasileira após o Mundial de 2014, sinalizando a necessidade de mudanças de rumo. No título da reportagem publicada em O Globo em 16 de outubro, dia em que se alcançou a marca de 100 dias após o 7 a 1, observamos o tipo de memória que tem perdurado na imprensa esportiva sobre este evento: “Alemanha 7 a 1 – Memória do Luto – Cem dias depois, futebol brasileiro tenta retomar a vida sem saber para onde vai o espírito de outrora”.³⁴

Considerações finais

O presente artigo parte de um pressuposto apresentado por Helal e Cabo (2014: 9): “o futebol em tempos de Copa do Mundo, é um texto privilegiado para se entender o Brasil, suas questões e dilemas”. E é partindo deste raciocínio que realizamos esta análise sobre como a memória se manifesta nas narrativas sobre a seleção brasileira após a derrota da equipe por 7 a 1 para a Alemanha.

O primeiro aspecto a ser evidenciado é que se, como afirma Ronaldo Helal (2011: 70), “a derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória de projetos de nação brasileira”, pode-se perceber, após a leitura atenta das narrativas da imprensa brasileira após o 7 a 1, que o insucesso da seleção na Copa de 2014 não extrapolou o universo do esporte como a derrota de 1950 e o triunfo de 1970, mas permanecem apenas no aspecto esportivo.³⁵

Porém, é fundamental evidenciar que a análise proposta aqui indica que a derrota da final da Copa de 1950 é uma referência importante para as narrativas sobre o revés para a Alemanha no Mundial de 2014.

Além disso, este estudo permite que se perceba que parte da imprensa esportiva brasileira afirma que esta derrota deve servir como um estímulo para a implementação de mudanças no futebol brasileiro, envolvendo áreas como a formação de jogadores e técnicos, a organização de competições e a gestão de equipes.

Após o fracasso na Copa de 2014 houve uma mudança no comando da seleção brasileira. Já com Dunga como técnico, o Brasil colecionou uma sequência de resultados positivos nos meses posteriores ao Mundial.³⁶ No entanto, mesmo a sequência de vitórias alcançada pela equipe de Dunga no final de 2014 não foi suficiente para que a imprensa deixasse de citar a derrota de 7 a 1 para a Alemanha na maior parte das matérias sobre o time do Brasil. No ano de 2015 não tem sido diferente, o revés para a equipe alemã continua a ser uma constante em meio às críticas que a seleção brasileira continua sofrendo, especialmente após uma frustrante campanha na Copa América, competição da qual foi desclassificada nas quartas de final pelo selecionado do Paraguai.

Assim, chega-se ao final deste trabalho com uma suspeita: a de que a imprensa esportiva brasileira acionará as memórias sobre o 7 a 1 em suas narrativas sobre a



seleção ainda por um bom tempo, pelo menos até o selecionado do Brasil alcançar um novo título da Copa do Mundo, o único triunfo que parece capaz de suplantar uma derrota tão vexatória como a goleada sofrida pela seleção em um jogo da semifinal da segunda Copa do Mundo realizada em território nacional.³⁷

Ronaldo Helal

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
rhelal@globo.com

Fábio Aguiar Lisboa

Jornalista e mestrando da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
fabioaguiarlisboa@gmail.com

Recebido em setembro de 2015.

Aceito em dezembro de 2015.

Notas

1. Matéria sobre a entrevista: *Parreira diz que “obrigação” de ganhar Copa em casa não atinge seleção*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/esportes/parreira-diz-que-obrigacao-de-ganhar-copa-em-casa-nao-atinge-selecao-11919224>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
2. Freyre cria a nomenclatura Foot-ball Mulato em artigo publicado no dia 17 de junho de 1938 no Diário de Pernambuco para descrever o estilo de jogo dos atletas brasileiros. Hoje, o que Freyre chamou então de Foot-ball Mulato é chamado de futebol-arte.
3. Esta conferência, de título *Memória, esquecimento, silêncio*, foi proferida no ano de 1987 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).
4. A suspeita é a de que este tipo de memória foi acionada especialmente pelos jornalistas que vivenciaram os episódios em questão.
5. Este episódio é conhecido como a tragédia do Sarriá, pois havia uma grande expectativa em relação à equipe que representava o Brasil na Copa do Mundo de 1982. Até os dias de hoje este time, no qual despontavam nomes como Zico, Falcão, Sócrates e Júnior, é considerado como um dos melhores da história da seleção, um dos últimos representantes do estilo conhecido como “futebol-arte”.
6. A escolha de O Globo e de a Folha de S. Paulo se dá porque estes são os dois maiores jornais em circulação do Brasil, segundo pesquisa divulgada em maio de 2015 pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Esta informação está na seguinte matéria: *Circulação dos cinco grandes jornais cresce*. Disponível em <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/05/26/Circulacao-dos-cinco-grandes-jornais-.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

7. O Globo, 9 jul. 2014, p. 1.
8. O Globo, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 1.
9. Folha de S. Paulo, 9 jul. 2014, p. 1.
10. Folha de S. Paulo, 9 jul. 2014, p. 1.
11. O Globo, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 1.
12. O Globo, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 4.
13. Este comentário faz menção ao goleiro da seleção brasileira na Copa de 1950, Barbosa, que é apontado como um dos principais responsáveis pela derrota do Brasil para o Uruguai na final da competição ao ter cometido falhas.
14. O Globo, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 6.
15. O Globo, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 2.
16. O Globo, 10 jul. 2014. Copa 2014, p. 4.
17. Uma possibilidade de explicação deste fenômeno é o fato de o jogo ter acontecido no final da tarde, início da noite, horário no qual os jornais impressos já estão no processo de fechamento. Diante de um fato tão inesperado, como a derrota de goleada do Brasil para a Alemanha, os primeiros textos publicados acabaram se concentrando em relatar este evento, tentando compreender o lugar do mesmo na história da seleção brasileira.
18. Um evento que parece ter fomentado estas avaliações foi a entrevista coletiva que o técnico da seleção brasileira, Luiz Felipe Scolari, concedeu, junto com outros membros da comissão técnica da equipe brasileira, um dia após a derrota. Nesta oportunidade o treinador e seus companheiros adotaram uma postura combativa em relação a seus críticos. Para justificar seu posicionamento na entrevista, que consistiu basicamente em defender o seu trabalho e o de seus companheiros de comissão técnica, Scolari apresentou uma série de dados sobre a preparação do Brasil para a disputa da Copa. O objetivo era defender a tese de que a razão da derrota do Brasil para a Alemanha foram “seis minutos de pane geral”, e não uma preparação inadequada. Matéria sobre a entrevista: *Felipão diz que não mudaria nada na seleção e valoriza fato de ter chegado à semifinal – “O trabalho não foi de todo ruim, foram seis minutos de pane geral”, argumenta*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/felipao-diz-que-nao-mudaria-nada-na-selecao-valoriza-fato-de-ter-chegado-semifinal-13195738>>. Acesso em: 2 dez. 2014.
19. O Globo, 10 jul. 2014. Copa 2014, p. 2.
20. O Globo, 10 jul. 2014. Copa 2014, p. 11.
21. O Globo, 10 jul. 2014. Copa 2014, p. 6.
22. Folha de S. Paulo, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. D7.
23. É curioso perceber que não há uma uniformidade de opiniões na imprensa esportiva quando se fala do melhor estilo de jogo a ser adotado pela seleção. Enquanto alguns defendem o estilo chamado de futebol arte – que teria elementos como a ginga, a beleza e o drible –, outros jornalistas afirmam que o melhor caminho é o do jogo coletivo.
24. O Globo, 11 jul. 2014. Copa 2014, p. 2.
25. O Globo, 11 jul. 2014. Copa 2014, p. 4.

26. Folha de S. Paulo, 10 jul. 2014. Copa 2014, p. D5.
27. O Globo, 11 jul. 2014. Copa 2014, p. 2.
28. O Globo, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 2.
29. O Globo, 14 jul. 2014. Copa 2014, p. 2.
30. O Globo, 11 jul. 2014. Copa 2014, p. 12.
31. O Globo, 13 jul. 2014. Copa 2014, p. 12.
32. O Globo, 15 out. 2014. Esportes, p. 31.
33. Folha de S. Paulo, 15 out. 2014. Esporte, p. D3.
34. O Globo, 16 out. 2014. Esportes, p. 35.
35. Esta afirmação é feita após se observar as narrativas da imprensa brasileira sobre a campanha do Brasil na Copa de 2014. Em momento algum se percebe, nestas narrativas, a ideia de que o insucesso esportivo do time brasileiro tenha extrapolado para outras esferas, como a da política. Não houve qualquer tentativa de afirmar que a derrota da seleção prejudicaria o Governo (aqui é importante salientar que o Brasil teve eleições no ano de 2014, entre outros cargos para o de presidente da República) ou que o fracasso teria significado a derrota de um projeto de nação, como teria ocorrido em 1950, por exemplo.
36. Logo após a Copa do Mundo, já sob o comando do técnico Dunga, a seleção brasileira alcançou o retrospecto, no ano de 2014, de seis vitórias em seis amistosos, com 14 gols marcados e apenas 1 sofrido.
37. Talvez seguindo este raciocínio, e considerando o fato de que o período de quatro anos até a próxima Copa do Mundo pode ser muito longo para se esperar, logo após o final do último Mundial, dirigentes da CBF tentaram, sem sucesso, marcar partidas amistosas contra a seleção da Alemanha, no que seria uma forma de tentar obter uma revanche. Contudo, suspeita-se que mesmo um triunfo do Brasil por goleada em um jogo como este não seria suficiente para apagar a mancha na imagem da seleção causada por uma derrota em uma semifinal de uma Copa do Mundo disputada no território brasileiro.

Referências

- DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: futebol e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- GIL, Gilson. O drama do futebol-arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 25, p. 100-109, jun. 1994.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HELAL, Ronaldo e CABO, Alvaro do. Copas do Mundo: o que elas nos ensinam sobre o Brasil. In: HELAL, Ronaldo e CABO, Alvaro do (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- _____; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001 (2ª reimpressão, 2007).
- _____. Futebol: Mitos e Verdades (que nos ajudam a entender quem somos). In: *Insight Inteligência*. Rio de Janeiro, v. 52, p. 68-81, 2011.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

_____. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). *Mídia, memória & celebridades*. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2003.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SOUTO, Sérgio Montero. Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs.). *Mídia e memória: a produção dos sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Resumo

O presente trabalho se volta para a atuação da memória em narrativas jornalísticas, neste caso as que tratam da derrota de 7 a 1 da seleção brasileira para a Alemanha em partida válida pela semifinal da Copa de 2014. O objetivo será identificar narrativas de episódios do passado acionadas nesta oportunidade, bem como especular sobre quais narrativas desta derrota provavelmente passarão a ser parte das memórias que futuramente serão acionadas quando se falar deste jogo e do Mundial de 2014.

Palavras chave

Copa. Memória. Esporte. Imprensa. Narrativa.

Abstract

This paper focuses on the role of the memory in journalistic narratives, in this case the memories of the defeat of 7 to 1 of the Brazilian team to Germany in a match valid for the World Cup semifinal of 2014. The aim is to identify narratives of past episodes that were used in this opportunity, as well as to speculate which narratives of this match will probably be part of the future memories that will be triggered when talking about this game and about the 2014 World Cup.

Keywords

Cup. Memory. Sport. Media. Narrative.